

Marinha terá submarino nuclear

Da sucursal do
RIO

O ministro da Marinha, Maximiano da Fonseca, revelou ontem, durante entrevista a **O Estado, e Jornal da Tarde**, que a Marinha já tem um projeto destinado à construção de um submarino atômico para o Brasil, meta que será atingida até o final da década de 90.

"Mas o projeto vai bem, e o submarino representará, sem dúvida, um grande passo para o Brasil, pelo que significa um submarino com propulsão nuclear. Trata-se de um meio altamente relevante para qualquer Marinha", acrescentou o ministro, que falou durante homenagem à Marinha, no Jockey Club Brasileiro.

A propulsão nuclear para um submarino, segundo o almirante, "é um objetivo comum das marinhas modernas, e o Brasil não poderia deixar de buscar esta tecnologia, que

envolve um desenvolvimento e formação de recursos humanos".

O projeto revelado pelo ministro "é o primeiro de emprego militar da tecnologia nuclear, e reflete uma verdadeira aspiração da Marinha", segundo um dos almirantes ouvidos sobre a entrevista do ministro, envolvendo, ainda, uma tecnologia "mais complexa do que a de tecnologia de uma usina atômica, pela dimensão bem mais reduzida de um reator de navio".

Para o mesmo almirante, considerado um dos mais conceituados estrategistas brasileiros, "o emprego de um submarino atômico é de tal importância em um conflito, que o que pode desequilibrar as forças é mais a capacidade do homem de se manter na mesma posição do que a do submarino de permanecer no teatro de operações. O submarino atômico é aquele que, realmente, mere-

ce ser chamado de submarino, prosseguiu, muito mais do que o convencional. Entre outros motivos, porque o atômico pode ficar longo tempo submerso, e só tem de usar o **snorkel** para tomadas de ar, em raras ocasiões, renovando, assim, a sua capacidade de ficar mergulhado".

Enquanto o submarino convencional tem uma autonomia de cerca de 30 dias, o atômico pode ficar muito mais tempo submerso, o que lhe assegura um papel altamente estratégico na guerra moderna. O submarino convencional ainda é, na realidade, mais silencioso do que o atômico, mas as vantagens deste são bem mais superiores. Na II Guerra Mundial, por exemplo, os principais ataques dos submarinos convencionais foram feitas na superfície, e não submersos. O mesmo, certamente, não ocorrerá em conflitos com o nuclear.

O ex-chefe do Estado-Maior da

Armada, almirante Eddy Sampaio Espellet, disse que o projeto para a propulsão atômica de submarino começou na época em que ele estava naquele cargo, na administração do ministro Geraldo Azevedo Henning, no governo de Ernesto Geisel.

Ele disse que "para a preparação das marinhas modernas o submarino atômico é praticamente fundamental. Não precisa do reabastecimento como o convencional, pois não tem os limites convencionais de raio de ação". Quanto à construção do navio de guerra, o almirante disse que não tem maiores problemas, pois "quem constrói o convencional, faz o de propulsão nuclear".

O ministro Maximiano da Fonseca informou que já viabilizou a construção de um submarino para o Brasil na Alemanha Ocidental, que será da classe IK1-209, e poderá ter sua construção iniciada no início de 1984.